

# **ESCOLAS INDÍGENAS E ESCOLARIZAÇÃO COLONIZADORA: uma abordagem a partir de escolas indígenas do Canadá e Brasil**

## **RESUMO**

Desde o processo de colonização no Canadá e Brasil escolas foram usadas como instrumento de colonização e assimilação. O presente trabalho tem como objetivo apresentar o processo de colonização do conhecimento exercido pelo modelo de educação europeu baseado na universalidade do conhecimento como ferramenta de desenvolvimento social para uma sociedade capitalista. As escolas indígenas, tanto no Canadá quanto no Brasil, possuem entre si similaridades além da sua indigeneidade. A busca por um modelo educacional originalmente indígena vem sendo discutido e aprofundado como forma de subsidiar a mudança para as escolas indígenas. Entretanto, acredita-se que a colonização não se encerra ao dar-se a gerência das escolas para os Povos e Comunidades Indígenas, visto que o modelo e leis a serem seguidas continuam sendo do Governo que não representa tais comunidades e Povos. O presente estudo é de extrema relevância pois oportuniza a discussão acerca de modelos educacionais que visem respeitar epistemologias diferentes e defende a ideia de que o modelo educacional padronizado e universalizado continua ainda como uma ferramenta de colonização do conhecimento indígena.

Palavras-chave: educação escolar indígena; epistemologia; conhecimento tradicional

## **ABSTRACT**

Since the beginning of colonization in Canada and Brazil schools were used as an instrument of colonization and assimilation. The present paper has as objective to show the process of colonization of knowledge carry out by the European education framework based in the universalization of knowledge as an instrument to social development inside a capitalistic society. The indigenous schools, either in Canada or Brazil, have similarities that goes beyond its indigeneity. The search of educational model to indigenous schools is being discussed and deeply studied as a form to subsidize the change in indigenous schools. However, we believe that colonization does not end when giving the governance of schools to indigenous People, because the laws and educational models still being forced by the Government which does not represent those peoples or communities. The present study is extremally relevant whereas assign the discussion of educational models willing to respect different epistemologies and defend the idea which the educational model standardized and universalized continues as a colonization tool of indigenous knowledge.

Key-words: indigenous school education; epistemology; traditional knowledge

## **Introdução**

Após gerações indígenas terem tido a experiência da colonização e sofrido dentro de Escolas Residenciais, o Canadá tem agora o desafio de criar um modelo de educação que venha a respeitar dois ou mais modos de pensar e duas ou mais formas de conhecimento. É de importância crucial reconhecer o desafio e também reconhecer as identidades indígenas como um problema cultural mais complexo. A aceitação e reconhecimento do saber indígena dentro das escolas é um importante passo para se pensar o reconhecimento da identidade e do conhecimento indígena. Entretanto é no mínimo duvidoso acreditamos, que a ação de “encaixar” o conhecimento indígena no modelo de escolarização europeia não significa que reconhecemos o conhecimento indígena como independente e soberano. O ponto principal que estamos nos propondo a argumentar neste texto é a colonização do conhecimento através do processo de quebra do saber em fragmentos, é o fragmentar o conhecimento indígena para moldar-se a um currículo estático e projetado por um ponto de vista europeu. Em um grande número de escolas indígenas o currículo tem diferentes conteúdos baseados em saberes indígenas, por exemplo, o processo de cura, espiritualidade, medicina, educação territorial e língua indígena. Embora nessas escolas, todo esse conhecimento esteja fragmentado e comprimido para ajustar-se em unidades letivas, bimestres, trimestres e dentro de salas de aulas frias, quadradas e muitas vezes sem representatividade para a comunidade escolar. No passado recente do racismo institucionalizado, processos assimilacionistas e diferentes políticas foram criadas para assimilar e destruir a cultura dos Povos Indígenas, seja no Brasil ou no Canadá, sendo assim, este processo tem tido um papel importante no projeto de extermínio indígena no Canadá. Frantz Fanon argumenta que o colonizado tem apenas um caminho mudar de um estilo de vida para outro, mas nunca de uma vida para outra. A questão é que o colonizado muda seu estilo de vida para se tornar colonizado, mas nunca muda sua vida. Muito embora tenha um único caminho, ser colonizado. Desde o momento que nos tornamos colonizados o caminho para romper as correntes é árduo e geralmente sem esperanças. (Cf. FANON, 2004)

Desde o estabelecimento do currículo universal como modelo de ensino de conteúdo para todos o currículo não mudou de forma significativa, e não apenas o currículo, mas também, a forma como o currículo está estruturado nas escolas. Classes são divididas por disciplinas, conteúdos divididos por anos ou séries, crianças divididas por idade, livros divididos por capítulos, a divisão se tornou o argumento principal para tornar a vida mais

fácil. No entanto, quando somos questionados a colocar conhecimento ocidental e indígena juntos temos diversas dificuldades a serem levadas em consideração. O conhecimento Ocidental tem uma forte influência na forma como a ciência é conduzida e vice-versa. Divisão se tornou a regra para construir ciência, e todo o sistema do conhecimento como um resultado do mundo capitalista é refletido no currículo como forma de manipular e fragmentar os indivíduos em pedaços e tornar-los aptos para o mercado de trabalho após a conclusão do ensino básico. A fragmentação da subjetividade humana iniciada na escola quando o estudante não é motivado a conectar conteúdos entre disciplinas é mais um ponto que merece destaque. A divisão do conteúdo não é baseada na maturidade dos indivíduos, mas em argumentos que não respeitam aspectos culturais da comunidade. O currículo tem em sua função tornar a individualidade padronizada de acordo com um modelo escolhido por aqueles que estão no poder. A ideia de manter todos iguais, não respeitar a individualidade humana e, a universalização do conhecimento agem como uma forma de colonização no universo conceitual do conhecimento. Respeito ao conhecimento da comunidade só é permitida dentro do currículo, o que prende professores e limita a liberdade das comunidades no que tange suas práticas de ensino-aprendizagem. Escolas Residenciais num passado recente e o processo de escolarização atualmente foram desenhados num modelo fragmentado de ver o mundo e também as relações sociais entre os indivíduos. De acordo com Muir e Bohr (2014), crianças aborígenes são encorajadas a explorar suas autonomias e responsabilidades além do que seus parentes pensam. Autonomia e liberdade são dois importantes aspectos para criar um ambiente de independência para crianças. Esta liberdade e autonomia são extremamente relevante para nós ainda que o currículo não trabalhe estas ideias. Ao invés de serem livres para criar autonomia e independência, as escolas em sua maioria baseiam-se em conhecimentos ocidentais fragmentados e universalistas.

### **Escolas Indígenas e Escolarização Colonizadora**

As escolas, supostamente, deveriam ser espaços de treinamento para a vida e para a sociedade. Embora o que estejamos vendo dentro das escolas são processos de industrialização da subjetividade humana e a transformação de indivíduos manufaturados onde a competitividade para inserção no mercado de trabalho é o objetivo final. Desde a expansão do capitalismo escolas são modeladas para representar o capital e suas necessidades. Numa sociedade onde mais e mais indivíduos são afetados pela industrialização e pela agressividade do capital, escolas são baseadas em currículos frios e suas representações dentro

da sala de aula são verdadeiras torturas aos estudantes indígenas. A complexa e holística visão de vida e conhecimento indígena são desafios para serem inseridos no currículo universal, fragmentado e congelado. É crucial perceber a importância do currículo no reconhecimento das barreiras culturais, ambientais, e também da organização da comunidade. O currículo é de uma forma geral um instrumento externo de certificação dos estudantes, certificando que os mesmos terminarão o processo de escolarização básica de forma padronizada. Um extenso número de escolas não estão focadas em criar oportunidades para estudantes desenvolverem o pensamento social, reflexivo ou crítico, mas sim, para criar reproduzidores baseados no “sucesso” o qual significa na maioria dos casos o sucesso do capitalismo. Poulantzas (2001) afirma que o Estado tem um *telos* para maximizar a unificação dos indivíduos desde que os indivíduos na sociedade capitalista passaram a significar mercadorias. Para transformar a sociedade atual em mercadorias o capitalismo usa a força das escolas para tornar a todos, de forma massiva, em sujeitos donos de subjetividades iguais e formas de pensar semelhantes. A subjetividade dos indivíduos não importa para a sociedade desde que essas mesmas subjetividades sejam reconhecidas como mercadorias. Paulo Freire aponta que, “dehumanization, which marks not only those whose humanity has been stolen, but also (though in a different way) those who have stolen it, is a distortion of the vocation of becoming more fully human”(FREIRE, 2000, p.4). A humanidade tem perdido espaço dentro de nossa sociedade porque a ideia principal é a de que todos devemos ser iguais. Escolas estão trabalhando para fazer isso ser verdade, mais ainda, para ensinar ao mesmo tempo a mesma coisa para todos no mesmo *modus operandi*.

Como numa indústria, escolas tem sido desenhadas para servir como instrumento do capitalismo. A principal importância hoje do processo de escolarização é treinar crianças a serem indivíduos capazes e com habilidades para ingressar no sistema econômico como empregados. Escolas são mais como fábricas de indivíduos com habilidades instrumentais para desenvolver a sociedade do que instrumentos de desenvolvimento humano individual autônomo e crítico. Como Paulo Freire ressalta, o sistema bancário impôs a educação o “depósito do conhecimento” dentro das cabeças das crianças para um único propósito, fazer o opressor mais distante do oprimido.

O que é importante para o opressor é subestimar o potencial crítico dos indivíduos e criar o máximo possível uma massa de força de trabalho alienada de sua própria existência. Escolas são o maior sistema ideológico para reprodução de uma ideologia de massa para indivíduos que não são capazes de criticar e criar autonomias e independências de formas de pensar. Althusser (1970) debate o poder do Estado como uma força de opressão na qual

indivíduos dentro da sociedade não conseguem reconhecer os próprios espaços dentro da relação entre opressor-oprimido. Escolas são um mecanismo do Estado de opressão onde sem saber os indivíduos estão sendo alienados de suas próprias individualidades, o Estado pode com as escolas moldar a sociedade para aquilo que é útil, como mão-de-obra alienada para sociedade. Treinamento de mão-de-obra especializada é o principal objetivo do processo de escolarização atualmente. A ideia de colocar indivíduos dentro do mercado de trabalho é um dos muitos objetivos incluídos nas Escolas Indígenas como afirma o Plano de Ação Educacional Indígena de Manitoba 2004-2007 o qual em seu terceiro objetivo afirma, “Increase Successful Entry into and Participation in the Labour Market”<sup>1</sup>. O problema não é a inclusão dos estudantes indígenas no mercado de trabalho, mas sim, como os estudantes são introduzidos neste mercado. Como pensam a inclusão dos mesmos neste mercado de trabalho que muitas vezes é alheio ao seu modo de vida? Nós somos autônomos e independentes para pensar e criar nosso próprio conhecimento sobre o mercado de trabalho? Ou somos apenas máquinas moldadas e criadas para trabalhar e reproduzir o sistema no qual fomos incluídos?

O processo capitalista de pensar mudou a forma como a sociedade usa o conhecimento para si mesma. O Capitalismo está trabalhando dentro da educação como um vírus, usando o corpo da educação como uma oportunidade para fazer crescer e atingir seus objetivos. Escolas atualmente são máquinas de reprodução do sistema capitalista desde o momento em que elas não trabalham para formar estudantes independentes do sistema, mas sim, cada vez mais presos. Escolas são espaços onde estudantes aprendem como participar e como colocarem a si mesmos dentro do mercado de trabalho. Um dos principais objetivos do sistema educacional dominante baseado no modelo europeu de conhecimento é criar oportunidades estritamente necessárias para estudantes se tornarem trabalhadores logo após o término do seu período escolar. O processo capitalista e sua forma de pensar não reconhecem a independência dos estudantes como um fato importante para a inclusão do estudante no universo capitalista. É bem sabido que o capitalismo como sistema econômico trabalha com um sistema ideológico no qual quanto mais alienado o indivíduo se tornar melhor para o sistema capitalista como um todo.

Globalization theory, which speaks of ethics, hides the fact that its ethics are those of the marketplace and not the universal ethics of the human person. It is for these matters that we ought to struggle courageously if we have, in truth, made a choice for a humanized world. A world of real people. Globalization theory cleverly hides, or seeks to cloud over, an intensified new edition of that fearful evil

---

<sup>1</sup> Aumentar o sucesso na entrada e participação do mercado de trabalho. (tradução do autor)

that is his-torical capitalism, even if the new edition is somewhat modified in relation to past versions. Its fundamental ideology seeks to mask that what is really up for discussion is the increasing wealth of the few and the rapid increase of poverty and misery for the vast majority of hu-manity. The capitalist system reaches, in its globalizing neoliberal cru-sade, the maximum efficacy of its intrinsically evil nature. (FREIRE, 1998, p. 94)

Paulo Freire pontua a importância do sistema econômico no processo do pensar e sua relação com o processo escolar dentro da sociedade. O capitalismo desempenha um importante papel no processo de escolarização porque o sistema oprime a sociedade através do sistema escolar criando uma massa de indivíduos alienados de suas próprias vidas e de suas posições dentro da sociedade.

Embora hajam diferentes formas de conhecimento ao redor do mundo, o processo de escolarização em sociedades capitalistas não reconhece outras formas de conhecimento porque não são interessantes para o mercado de trabalho e, conseqüentemente, para a reprodução da alienação. O capital tem uma forte influência na forma como a sociedade pensa e isto pode ser visto e reconhecido em como o governo estrutura os sistemas educacionais. O espaço para a escola desenvolver o estudante apresentado-o ao pensamento crítico e a autonomia é cada vez menos visível. O capitalismo reproduz a si mesmo dentro das escolas usando o conhecimento e a forma como os indivíduos pensam para aumentar a alienação e, o fato de serem produtos da sociedade para a sociedade.

A Pedagogia como processo no qual professor e aluno estão intrinsecamente ligados entre si tem um importante papel na vida de todos. De acordo com a teoria freireana sobre a individualidade, nós não somos indivíduos abertos para que a escola tenha a possibilidade de aumentar a autonomia dos estudantes, mas, de oprimir o conhecimento dos mesmos através do momento de confronto dentro da sala de aula.

A opressão praticada dentro de sala de aula anula a possibilidade de nossa humanidade, pois busca persuadir a sociedade a acreditar na necessidade de sermos iguais em todos os níveis da educação. As salas de aula ao invés de serem instrumentos de desenvolvimento humano e ensino ao respeito as mais diversas formas de expressão cultural são na verdade espaços de isolamento e alienação. A pedagogia tradicional e o processo de escolarização estão criando uma onda de opressão esmagadora de modos de pensar de minorias e de seus conhecimentos específicos. A Pedagogia da opressão está associada com a mais colonial e Ocidental perspectiva da educação. Opressor e oprimido não reconhecem seus espaços na relação ensino-aprendizagem apresentando-se similarmente ao processo entre

capitalista e trabalhador. “Human labour power in motion, or human labour, creates value, but is not itself value. It becomes value only in its congealed state, when embodied in the form of some object” (MARX, 2015, p. 35). A escola criada, instalada e reproduzida em nosso sistema capitalista insiste em tornar a individualidade um senso comum em que todos devem ser seres ‘acabados’ dentro da escola com os mesmos parâmetros de conhecimento e comportamento. A crítica freireana sobre a pedagogia tradicional é baseada na opressão e necessidade de modelar os estudantes sem deixar os mesmos pensarem por si mesmos. Existe uma necessidade em não deixar os estudantes pensarem e não serem conscientes de si mesmos, de não relacionarem o espaço fora-de-si com o próprio ser. Numa perspectiva do sistema capitalista, estudantes devem terminar o processo educativo escolar como máquinas com as habilidades necessárias para ajudar o crescimento econômico. O modelo escolar dominante no Brasil e no Canadá seguem a mesma estrutura baseada no sistema oriundo do colonialismo europeu, modelo este utilizado desde o período Iluminista na Europa.

Paulo Freire mostrou-nos que a ideia do capitalismo, de lucro e força de trabalho, criou uma onda de indivíduos treinados para não pensar, mas para reproduzir o sistema que vai muito além do indivíduo. Escolas Residenciais no Canadá foram um exemplo de como o sistema de educação bancária poderia ser utilizado para assimilar e prejudicar aspectos culturais de Povos Indígenas em todo o território canadense. O currículo estabelecido nessas escolas residenciais foi desenhado para que os conteúdos a serem ensinados pelos professores e aprendidos por alunos fossem depositados nos alunos, a pedagogia tão criticada por Paulo Freire no Canadá se mostrou em sua mais plena atividade, bem como seus métodos de aplicação. O processo de escolarização baseado em currículos estáticos e congelados é uma aberração e uma verdadeira crueldade com as crianças que são indivíduos diferentes entre si. O currículo universal em sua maioria não representa os modos de conhecer e aprender dos Povos Indígenas e não estimulam estudantes a pensar criticamente, nem em escolas indígenas e nem nas escolas não-indígenas. A necessidade da igualdade entre os estudantes nasceu de um fim pré-estabelecido baseado na necessidade do mercado de trabalho e, da necessidade de mão-de-obra especializada. O que Freire mostrou-nos foi a necessidade de vermos os estudantes como humanos e não como caixas que podem ser preenchidas por conteúdos. “Narration (with the teacher as narrator) leads the students to memorize mechanically the narrated content. Worse yet, it turns them into ‘containers,’ into ‘receptacles’ to be ‘filled’ by the teacher” (FREIRE, 2000, p. 71). Isto pode ser observado na história das Escolas Residenciais Canadenses justamente porque a principal ideia neste momento histórico (esta ideia continua sendo colocada em prática nos dias atuais) era de que as crianças eram

indivíduos maleáveis e moldáveis. Padres e Freiras acreditavam na possibilidade de apagar o conhecimento prévio das crianças através do isolamento e do não contato com suas famílias e comunidades. Escolas desde o período colonial até o presente momento continuam sendo estabelecidas seguindo a ideia de memorização e reprodução de conteúdos expostos por um professor. O professor muitas vezes não é treinado e não possui as habilidades necessárias para entender o indivíduo, a individualidade e a necessidade dos estudantes. A escola como instituição continua sendo uma ‘indústria’ de formação de pessoas treinadas a repetir e reproduzir o sistema.

A estrutura curricular é um instrumento de universalização de conteúdos definidos como necessários a todas as crianças por um grupo de “iluminados”, sem representatividade cultural e/ou da comunidade onde a escola está inserida. Mesmo todas as crianças de um determinado ano e/ou classe sendo mudadas a cada ano, o conteúdo ensinado dentro desta classe continua o mesmo. O currículo é um quantitativo de conhecimentos congelados que alguns indivíduos acreditam ser o mínimo necessário para toda criança aprender e conhecer como parte do caminho para integrar a força de trabalho da sociedade. Muito embora, em alguns casos a estaticidade do currículo é quebrada por Povos Indígenas através da indigenização do currículo e das pedagogias específicas adotadas em suas escolas. Algumas escolas indígenas tem inserido a História, Língua Indígena e muitos outros conteúdos dentro da sala de aula, mesmo a estrutura curricular continuando uma estrutura fragmentada e estática este é um avanço necessário para o desenvolvimento da educação escolar indígena. O que poderia ser reforçado num caminho reverso ao olharmos o conhecimento e pedagogia indígenas? É possível encontrar conhecimento Ocidental dentro do conhecimento Indígena? Professores deveriam ser preparados a entender e encontrar dentro do universo do conhecimento indígena a existência do conhecimento Ocidental, e buscar perceber dentro do conhecimento indígena as diversas formas de conhecimentos ocidentais? Não existe respeito para com as pedagogias indígenas dentro de um currículo congelado construído por Governos que não possibilitam a autonomia das crianças na construção de seu próprio bem-estar e auto-desenvolvimento. “Standardized curriculum materials that are based on English or other dominant languages fail to account for these divergences” (ROY; MORGAN, 2008, p. 232).

A sala de aula esta dissociada da realidade fora dos muros da escola e professores tem uma importante função social para transformar essa realidade. Professores e comunidade têm o poder de mudar a concepção ideológica do processo ensino-aprendizagem para um processo mais crítico e empoderado do currículo e do conhecimento. Ideia esta que não representa o sistema econômico onde estamos inseridos. De acordo com Althusser , o Aparelho Ideológico



do Estado é importante para criar uma massa hegemônica de pessoas que acreditem nos mesmos caminhos e regras sociais.

Viveiros de Castro (2015) questiona sobre a impossibilidade da discussão acerca da Filosofia Indígena como discussão de conceitos, em que o pensamento não seja o questionamento a si mesmo. O pensamento indígena não questiona o conceito em si mesmo, o que de acordo com Viveiros de Castro não pode assumir um ponto de vista filosófico. Além do mais, existe um conflito entre mundos e pontos de vista que vão além da sala de aula dentro de Escolas Indígenas. O conflito entre o mundo racionalizado e conceitualizado e o mundo no qual a vivência e a experiência são o mais forte no processo educacional.

Apesar de toda a oposição acerca do ponto de vista filosófico do conhecimento indígena, existe um consenso entre pesquisadores e comunidades indígenas na existência de duas perspectivas diferentes de conhecimento sendo discutidas. Se existe um consenso afirmando o Conhecimento Indígena diferente do Conhecimento Ocidental então nós deveríamos repensar o processo de escolarização dentro de comunidades indígenas e como devem ser desenhados os currículos dessas escolas. “It is the channel for normalized discourses and singularities and allowing diverse voices and perspectives and objectives into ‘mainstream’ schooling” (BATTISTE, 2013, p. 107). O conflito entre os dois mundos tem sido desafiado desde o período colonial quando as Escolas Residenciais no Canadá forçaram crianças indígenas a se tornarem ‘civilizadas’ seguindo o modelo Ocidental. É de suma importância perceber o significado de como indígenas e não-indígenas criam seus conhecimentos e quais deles estão sendo abordados e como são essas abordagens em suas respectivas salas de aula.

Existem aspectos muito diferentes do conhecimento Tradicional que devem ser considerados quando relacionamos Escolas Indígenas e currículo. É inadmissível para os Povos Indígenas conceber a ideia de Conhecimento como um conteúdo congelado dentro de uma estrutura curricular quando o conhecimento é baseado nas relações que vão além da sala de aula. O Conhecimento Indígena tem a característica singular de criar uma relação complexa entre aspectos culturais que são transmitidos de geração para geração através de um forte senso de comunidade e laços familiares estreitos, bem como a necessidade de sua vivência dentro do ambiente natural. Conhecimento Indígena não busca a universalização, mas sim, o oposto. O comprometimento com a língua, crenças religiosas e conhecimento possuem um apelo intrínseco com a família e comunidade. Portanto, o processo escolar baseado num plano de universalização onde todos são iguais é diretamente contrário a ideia trazida pelos estudantes indígenas de suas casas. “Traditional knowledge is the knowledge of

the cultural traditions of an Aboriginal people; it can take an enunciated form, as in the teaching of the great Law of the longhouse peoples, or it can be implicit in the manner in which people live their lives, make decisions, and so on” (KULCHYSKI, 2000, p. 17). Consequentemente, a participação das famílias dos estudantes indígenas é crucial para a manutenção do uso da língua e de aspectos culturais. O Conhecimento Indígena não deveria ser estabelecido como universal e padronizado por iluminados do Governo. Portanto, Singh e Reyhner (2013) argumentam, Educação Cultural Responsiva poderia ser um caminho para algumas escolas indígenas porque o programa relacional desenvolvido sobre estudantes e famílias é mais efetivo. Conhecimento Indígena é extremamente diferente quando focamos nas formas de saber, de observar o mundo e suas relações em si.

Modos de saber indígena são intrincadamente relacionados com a tradição oral e com a oralidade o que muda a visão epistemológica das relações entre indivíduos e natureza. Os métodos utilizados para compartilhar conhecimento numa comunidade indígena em sua maioria são baseados na história oral e na aproximação dos anciãos com os mais jovens. Esta perspectiva de transmissão do conhecimento como um momento de compartilhamento quando quer que seja oportuno não pode ser congelado e inserido numa perspectiva curricular universal. Embora escolas indígenas e professores esteja juntos para indigenizar o currículo, a integração do conhecimento poderá mudar as relações entre indivíduos, comunidade e natureza. Briggs (1998) durante sua pesquisa mostrou-nos que a educação Inuit é baseada no relacionamento e autoconsciência para criar uma forma de pensar, e a não imposição de conteúdos nas crianças é marcante.

As far as she can see, she is free to make her own decisions and many of her own discoveries, weighing the far-from-simple variables – the benefits and the costs – as well as she can. Her mother and uncle have modeled for her a “responsible” mode of thinking, and the correlations that they suggest will probably rattle her baby complacency a little. In these interactions, as in many others, that is their contribution to her growth. (BRIGGS, 1998, p. 86)

“In further reflecting upon the experiential aspect of indigenous approaches to learning and knowing, I recognize that our doing is intricately related with our doing” (KOVACH, 2010). A forma de conhecer indígena é epistemologicamente diferente, há uma relação holística entre humano e natureza. A liberdade como ação anti-opressiva é a base da maioria das formas de educar indígenas, bem como, a criação da autodeterminação e do forte senso de comunidade que vão ser construídas através do processo libertário de tornar a criança sua própria desenvolvedora. A participação da comunidade é importante, embora mais importante

seja a habilidade de reconhecer os valores da comunidade criados através da liberdade da criança.

A pedagogia indígena é baseada na liberdade e autonomia para estimular as crianças a serem criadoras de seus próprios conhecimentos. A relação entre pais, parentes, filhos e filhas e comunidade é crucial para a criação de um ambiente de bem-estar para o desenvolvimento da criança em sua própria perspectiva. “The conversational method aligns with an Indigenous worldview that honors orality as means of transmitting knowledge and upholds the relational which is necessary to maintain a collectivist tradition” (KOVACH, 2010, p. 42). A Pedagogia Indígena ao criar a relação ensino-aprendizagem, em sua maioria, é baseada na oralidade. Contar histórias é o que oportuniza uma inserção de aspectos morais e emocionais na construção do conhecimento infantil. Mais ainda, existem diferentes perspectivas e abordagens nas quais os professores e pesquisadores tratam a Pedagogia Indígena. Battiste (2004) aponta que Pedagogia Indígena não pode ser compartimentalizada em silos de visões eurocêntricas onde a maior parte do conhecimento ocidental supostamente deve caber. Raven (2013) nos mostra em sua comunidade e em algumas comunidades Anishinaabe<sup>2</sup> que o importante é ter um entendimento da Roda da Medicina, roda esta que representa um dos mais importantes pilares do conhecimento. Roda da Medicina, Boomerang, Teia de Aranha e outros conceitos são de extrema importância para o crescimento da participação da pedagogia e da forma de conhecer indígena, mesmo que o conceito de currículo e suas extensões sejam diferentes entre comunidades e Povos e siga na contra-mão da ideia de pedagogia baseada na comunidade. Lori Lambert (2014) aponta a existência de importantes aspectos para se respeitar as formas de saber Aborígenes intrinsecamente ligados com a pedagogia e o processo de escolarização. A informação e o conhecimento são relacionais, são baseados em relações entre indivíduos, natureza e criador. A pedagogia aborígene apresenta-se através de um caminho ou processo onde o conhecimento não é fragmentado e baseado no modelo eurocêntrico, o que nos mostra a abordagem agressiva quando escolas Aborígenes são submetidas a sistemas nos quais são impostos conteúdos, currículo, e todos os demais aspectos estruturais da escolarização no modelo ocidental.

Em diferentes comunidades Aborígenes, existem diversos modos de saber e criar conhecimento que não ‘cabem’ na forma fragmentada e curricular que nós ocidentais construímos nossas escolas. De acordo com Brody (2000), uma comunidade Inuit pode agir

---

<sup>2</sup> Povo Indígena localizado no centro-leste do continente norte-americano. No passado pré-colonial este grupo habitava desde o centro até partes da costa leste do que hoje chamamos Canadá.

de uma forma que poderia ser interpretada por pessoas de fora da comunidade como sendo uma forma negativa de se ensinar crianças. O que coloca em xeque a ideia da universalização do modelo escolar eurocêntrico oportunizando a discussão acerca da colonização da estrutura do pensar, da epistemologia em si mesma dos Povos Indígenas.

Não apenas Inuit mas muitas outras culturas ao redor do mundo motivam e incentivam suas crianças a serem independentes e auto-conscientes o que corrobora a ideia de teorias construtivistas da educação, sócio-construtivistas e humanistas nas quais crianças tem habilidade para criar seus próprios caminhos do conhecimento. O sócio-construtivismo e o próprio Construtivismo em si mesmo possuem objetivos de criar um ambiente de autonomia onde as crianças sejam capazes de construir relações baseadas na liberdade e auto-consciência. Estudantes possuem conhecimento prévio trazidos de suas casas para a escola e de suas realidades em si mesmas. Freire (1998) apresenta a inclusão da realidade dos estudantes dentro da sala de aula como uma maneira de respeitar seus conhecimentos e pensamento crítico. Muito embora a teoria freireana seja centrada no camponês é possível relacionarmos com estudantes indígenas. As experiências dos estudantes e professores não podem ser deixadas do lado de fora da sala de aula justamente porque nossa humanidade é um constante processo de aprendizado.

Liberatory education is fundamentally a situation where the teacher and the students both have to be learners, both have to be cognitive subjects, in spite of being different. This for me is the first test of liberating education, for teachers and students both to be critical agents in the act of knowing (SHOR e FREIRE, 1987, p. 33).

Estudantes não são ‘bancos’ onde o professor deposita ‘conhecimento’, mas ao contrário, estudantes são atores e donos de seus conhecimentos. O estudante é o criador do conhecimento num mundo no qual sua perspectiva constrói relações humanas entre si e o mundo fora de si.

## **Conclusão**

Escolas baseadas em currículos estáticos são utilizadas como ferramentas fortes e eficientes para processos de assimilação. Muitos modelos diferentes de escolas têm sido utilizados para assimilar Povos Indígenas para a sociedade ocidental. Nos dias atuais, após anos de luta e desenvolvimento das escolas indígenas, as mesmas estão sendo gerenciadas por indivíduos da comunidade, muito embora as escolas devem seguir currículos impostos pelos órgãos do governo para atender aos requisitos de universalidade dos conteúdos ensinados.

Então, como pode-se mudar um currículo estático? É aplicando-se conteúdos indígenas em currículos e modelos eurocêntricos a melhor forma de indigenizar as escolas indígenas? Vai a performance das escolas mudar o estilo de vida das crianças dentro da comunidade de forma a mudar suas relações com as formas de saber indígenas e seus Saberes Tradicionais? De acordo com Helen Armstrong (2013) é importante perceber que nem todos os conteúdos e metodologias irão ser capazes de entrar na escola. Não é possível universalizar métodos e pedagogias porque comunidades indígenas possuem diferentes histórias e o processo de colonização mudou-as de diversas formas. “Indigenizing the curriculum is compatible with many current pedagogical practices that are being supported within the province of Manitoba” (ARMSTRONG, 2013, p. 59). O que está acontecendo em nossa opinião é o modelo eurocêntrico capturando o conhecimento tradicional indígena e ‘congelando’ o conteúdo para ser inserido no processo de escolarização que não representa, nem muito menos respeita as individualidades específicas de cada Povo. Para indigenizar escolas no século XXI nós devemos ir além do currículo e dos muros das escolas. É possível ver e encontrar ciência, matemática, geografia e muitos outros conteúdos dentro do conhecimento Tradicional. Fragmentar o conhecimento indígena para ser inserido no modelo racionalista colonial de escola não transforma o *modus operandi* do sistema opressor sobre o oprimido. O conhecimento deve ser entendido não como conteúdo, mas sim, como processo de construção de uma identidade dentro de um universo de relações humanas e não-humanas com o mundo.

## **Bibliografia**

- ALTHUSSER, L. (13 de março de 1970). *Ideology and Ideological State Apparatuses: notes towards an investigation*. Fonte: [www.marxists.org](http://www.marxists.org):  
<https://www.marxists.org/reference/archive/althusser/1970/ideology.htm>
- ARMSTRONG, H. (2013). *Indigenizing the curriculum: the importance of story*. Fonte: [www.mern.ca](http://www.mern.ca): [http://www.mfnerc.org/wp-content/uploads/2013/04/Section3\\_Indigenizing-the-Curriculum-The-Importance-of-Story.pdf](http://www.mfnerc.org/wp-content/uploads/2013/04/Section3_Indigenizing-the-Curriculum-The-Importance-of-Story.pdf)
- BATTISTE, M. (2000). *Reclaiming indigenous voice and vision*. Vancouver: UBC Press.
- BATTISTE, M. (29 de May de 2004). Animating sites of postcolonial education.
- BATTISTE, M. (2013). *Decolonizing education: nourishing the learning spirit*.
- BRIGGS, J. (1998). *Inuit morality play: the emotional educational of a three year old*. New Haven: Yale Univesity Press.

- BRODY, H. (2000). *The other side of Eden*. New York: North Point Press.
- COULTHARD, G. &. (2014). *Red skin, white masks: rejecting the colonial politics*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- EDUCATION, M. (2004). *Manitoba Aboriginal Education Action Plan 2004-2007*. Winnipeg.
- FANON, F. (1968). *The wretched of the earth*. New York: Grove Press.
- FREIRE, P. (1998). *Pedagogy of freedom: ethics, democracy, and courage*. Lanham: Rowman & Littlefield.
- FREIRE, P. (2000). *Pedagogy of the oppressed*. New York: Continuum.
- GOULET, L. &. (2014). *Teaching each other: nehinuw concepts and indigenous pedagogies*. Vancouver: UBC Press.
- KOVACH, M. (2010). Conversation method in indigenous research. *First People Child & Family Review*, 40-48.
- KOVACH, M. (2010). *Indigenous methodologies: characteristics, conversations, and contexts*. Toronto: University of Toronto Press.
- KULCHYSKI, P. (2000). *Expressions in Canadian Native Studies*. Saskatchewan: University of Saskatchewan Extension Press.
- KUOKKANEN, R. (2007). *Reshaping university: responsibility, indigenous epistemes, and the logic of the gift*. Vancouver: UBC Press.
- MARX, K. (1967). *Capital*. New York: International Publishers.
- MILLOY, J. (1999). *A national crime the Canadian government and the residential school system 1879 to 1986*. Winnipeg: University of Manitoba Press.
- MUIR, N. M. (2014). Contemporary practice of traditional Aboriginal child rearing: a review. *First Peoples Child & Family Review*, 66-79.
- MUNROE, E. A. (2013). Decolonizing Aboriginal in the 21st century. *McGill Journal of Education*, 317-337.
- POULANTZAS, N. (2001). *State, Power, Socialism*. London: Verso Books.
- RAVEN, G. &. (2013). *The Seven Teaching and more: Anishinaabeg share their traditional teachings with an Icelander*. Winnipeg: University of Manitoba Press.
- ROY, H. &. (2008). Indigenous language and research universities: reconciling world views and ideologies. *Canadian Journal of Native Education*, 232.
- SHOR, I., & FREIRE, P. (1987). *A pedagogy for liberation: dialogue on transforming education*. Bergin & Garvey.

- SINGH, N. K. (2013). Indigenous knowledge and pedagogy for indigenous children. Em *Honoring our children: Culturally appropriate approaches for teaching Indigenous students* (pp. 37-52).
- SMITH, L. (1999). *Decolonizing methodologies: research and indigenous peoples*. London: New York: University of Otago Press.
- VIVEIRO DE CASTRO, E. (2015). *Metafísicas Canibais: elementos para uma antropologia pós-estrutural*. São Paulo: Cosac Naify.